

O SUJEITO SUPOSTO SABER E TRANSFERÊNCIA (The Subject Supposed to Know and Transference)

Maria Angélica Augusto de Mello Pisetta¹

Resumo: Neste artigo discutimos o conceito psicanalítico de transferência em suas relações com a teorização proposta por Lacan em 1964 acerca do “sujeito suposto saber”, conceitos fundamentais na clínica e doxa psicanalíticas. Para tanto, partimos da elucidação do termo sujeito em psicanálise, articulando-o ao cogito cartesiano, ao significante e ao conceito de real, também estabelecido por Lacan nesta mesma época. Pretendemos demonstrar como o “sujeito suposto saber” redimensiona o conceito de transferência freudiana e permite a ampliação das discussões acerca da condução de um tratamento psicanalítico.

Palavras-chave: sujeito-suposto-saber, transferência, psicanálise, Lacan, Freud.

Abstract: In this paper we discuss the psychoanalytical concept of transference related to the theory proposed by J. Lacan in 1964 about the “the subject supposed to know”, other fundamental concepts in the clinics and psychoanalytical doctrines. Thus, we begin from the term “subject” in psychoanalysis, connecting it to the Cartesian Cogito, to the significant, and to the concept of real, also established by J. Lacan in this same time. It is our purpose to demonstrate how the subject supposed to know gives a new form to the Freudian transference and to the Lacanian psychoanalytical treatment conduction.

Keywords: Subjectsupposed to know, transference, psychoanalysis, Lacan, Freud.

1. O sujeito suposto saber e transferência

Sempre que um paciente nos procura exhibe sentimentos e idéias que demonstram sua consideração pelo analista, via de regra, suscitada sem muita justificativa. Afinal, quase sempre a indicação que o trouxe até o analista não se configura como base sólida para sua demonstração de afeto e segurança. Assim, um tratamento analítico se inicia a partir do estabelecimento de uma transferência. Vários significantes são geralmente utilizados para descrevê-la de um ponto de vista coloquial: admiração, confiança, crédito. Lacan ressalta que a confiança que o analista obtém de seu paciente é decorrência de algo. Confiança, admiração, suposição consciente de um saber, são aspectos da vertente imaginária da transferência que estão aqui em jogo, mas que remetem a uma estrutura simbólica. O conceito de *sujeito suposto saber*, como entendemos, se destaca como uma proposta de estruturação lógica do fenômeno da transferência analítica em todas as suas manifestações (repetição, sugestão, resistência). Neste percurso, propomos situá-lo como conceito, atrelado à transferência analítica, como suporte lógico, *somente no registro de uma neurose*.

Questão ética tão destacada por Freud e Lacan, o diagnóstico diferencial entre neurose e psicose escapa à simples nosologia. Não é nossa intenção situar a transferência na psicose (ampla discussão, como sabemos), mas demarcar que tanto a neurose de transferência quanto o conceito de sujeito suposto saber só podem ser

pensados, do modo como foram concebidos por Freud e Lacan, a partir da operação fundamental da neurose: o recalque.

Após este esclarecimento, se faz necessário um desdobramento do conceito de sujeito suposto saber tendo em vista que ele é definido, por Lacan, como a base de tudo o que se apresenta em termos de transferência analítica: Desde que haja em algum lugar o sujeito suposto saber (...) há transferência (Lacan 1988/1964, pp. 220).

1.1 O sujeito e o saber

Inicialmente, devemos levar em conta a assertiva lacaniana de que suas modificações teóricas repousam sobre sua concepção da linguagem como aquilo que articula o inconsciente. O conceito de sujeito suposto saber, para nós, representa um desdobramento desta fórmula. Pretendemos demonstrar como.

Tomemos o sujeito de que se trata. Facilmente recaímos no aspecto imaginário deste conceito, atribuindo o saber suposto ao analista, identificando assim o sujeito de que se trata na fórmula, à pessoa do mesmo. Certamente esta vertente se encontra presente na transferência e responde por uma série de práticas e intenções do analisante. Contudo, ela não se esgota em sua referência imaginária, estando sustentada por outra dimensão: “O saber que só se revela no engano do sujeito, qual pode realmente ser o sujeito que o sabe de antemão?” (Lacan 2003, pp. 337).

O conceito de *sujeito* na psicanálise lacaniana comporta uma discussão específica e bastante ampla. Situaremos o que aqui nos concerne, tendo em vista a suposição de um saber a um sujeito. De que sujeito se trata?

A elucidação deste ponto remete necessariamente à postulação da hipótese do inconsciente, fundamento psicanalítico de 1915b, que discute a possibilidade de termos acesso a um saber basicamente não-sabido. Contradição em termos, esse acesso necessariamente não pode ser concebido, porque todo saber exige a conscientização do mesmo. As respostas freudianas a este impasse (como tornar consciente o que é inconsciente) inscreveram-se a partir de sua metapsicologia (Porge 1996, pp. 502).

Lacan, por outro lado, estabelece com o termo "sujeito do inconsciente" uma possibilidade de situarmos este estado de coisas, sem desconsiderarmos o aspecto de desconhecimento que caracteriza o inconsciente, e ainda mantendo esse desconhecimento presente no conceito. A oposição entre um eu e um sujeito do inconsciente ainda se mantém, mas o termo *sujeito* resguarda uma alteridade para além da alteridade imaginária inscrita na relação do eu com os objetos.

Porge (Idem) sublinha que ao situar o sujeito como aquele a quem o analista se dirige na psicanálise, Lacan indica a premência da linguagem, pois o sujeito de que se trata aí se "interroga no campo da linguagem sobre a existência de seu eu" (Porge 1996, pp. 502). Desta maneira, situar o sujeito como aquilo que é representado de um significante para outro, destaca este atravessamento constitucional do inconsciente pela linguagem, na ação do significante sobre o sujeito. Esse saber não-sabido de que se trata no inconsciente é estruturado como uma linguagem, e principalmente a partir dela.

Dizer "o sujeito do significante" deste modo é referir-se necessariamente a algo que não está na relação intersubjetiva, mas que a funda. Esse lugar do Outro como alteridade radical, que não se confunde com a alteridade imaginária, já estava delimitada no ensino de Lacan, e é a partir deste lugar que ele situava a posição do analista, até 1960-61. Por exemplo em *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise*, discutindo a resposta que o analista pode dar às indagações do sujeito, destaca: "nada fazemos a não ser dar à fala do sujeito sua pontuação dialética" (Lacan 1988/1953, pp. 311). Contudo, é bem demarcada a posição de Lacan segundo a qual o analista não pode

ocupar o lugar do Outro, já que “o Outro não é um sujeito, é um lugar para o qual nos esforçamos (...) por transferir o saber do sujeito” (Lacan *apud* PORGE 1996, pp. 550).

Notemos a importância histórica e conceitual da definição de sujeito, enquanto aquilo que é efeito da cadeia significante, que ocorre neste mesmo ano (lição de 6 de dezembro de 1961), formalizando uma alteridade simbólica, a partir do conceito de sujeito. Situar o grande Outro como um lugar, marcado pelo saber sobre o sujeito, antecipa sua formulação de sujeito suposto saber. Deste modo, destaca Porge, "Lacan inscreve a transferência numa dependência do significante" (Idem, pp. 552). Dependência esta demarcada desde o início de seu ensino, quando destacava a importância do contexto de linguagem em que se verifica a transferência (Lacan 1993/1953-54). Contudo, a partir da conceituação de seu fundamento no sujeito suposto saber, é a própria existência da transferência que é pensada como uma formação significante do inconsciente.

Articula-se aí, como entendemos, a função simbólica do conceito de sujeito suposto saber, por constituir-se como um terceiro numa relação aparentemente simétrica, na análise. O conceito enfatiza, deste modo, um saber latente aos ditos do analisante, não sabido por ele, que é, pela transferência, suposto ao Outro. É esse saber não sabido, essencialmente inconsciente, chamado aqui de "sujeito", que se encontra na base da transferência. Entendemos que é por isso que na fórmula "sujeito suposto saber", não há referência nominal ao Outro, já que o termo "sujeito" comporta essa dimensão.

Lacan salienta que o inconsciente é regido pela linguagem, se estrutura a partir dela. Isso é retomado com força pelo estabelecimento do sujeito suposto saber. Miller ressalta que o próprio conceito de inconsciente corresponde a esta perspectiva, remetendo a esse "já-aí da rede de significantes" (1987 pp. 74). É essa rede de significantes prévia ao sujeito que está descrita pelo axioma "sujeito suposto saber", no que ela comporta de pretensas definições acerca da verdade do sujeito. Esse é o "erro subjetivo" inaugural da transferência, que conduz o sujeito rumo a uma apropriação de seu próprio dito. Não é apenas o sujeito que está em questão na experiência analítica, no fazer pela palavra, mas também, e sobretudo, o Outro, do qual ele vem falar, a partir de seu posicionamento subjetivo. Miller (1987, pp. 77) destaca que o 'erro subjetivo' descrito em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, em 1953, é a primeira versão conceitual do sujeito suposto saber conceituado em 1964, ainda que, como entendemos, neste período a designação 'subjetivo' da formulação indicasse uma simetria que lembra mais o efeito imaginário do sujeito suposto saber.

O que constitui a transferência, a partir de sua estrutura no sujeito suposto saber, é a "ilusão fundamental, estrutural, de que seu saber - o saber do inconsciente - já está todo constituído no psicanalista" (Miller 1987, pp. 77). Miller ressalta que podemos identificar no texto freudiano a indicação do conceito suposto saber de Lacan, quando Freud destaca as condições para o início de uma análise. Em *Sobre o início do tratamento* (1980/1913, pp. 177), Freud adverte que devemos alertar o paciente desde o início para a regra fundamental da análise, que consiste em manter um discurso que se afasta de uma conversa comum, pela livre associação de idéias. A crença no inconsciente que o analista inaugura aqui é fundamental para que haja a experiência analítica, pela qual o sujeito "consente na posição do analista como Outro" (Miller 1987, pp. 77). Contudo, ocupar o lugar do Outro não é a função do analista, pois aí ele estaria invariavelmente se deixando guiar por uma identificação com o Ideal do eu do sujeito.

O "pacto inicial" (Lacan 1998/1953, pp. 309) se dá mediante o estabelecimento do sujeito suposto saber, que implica em consentir na construção do saber inconsciente,

ainda que o sujeito se deixe, eventualmente, levar pela dimensão amorosa (imaginária) deste pacto, endereçando ao analista esse lugar de saber. Miller ressalva que "o sujeito suposto saber é a estrutura de abertura da partida, da entrada no jogo" (1987, pp. 87).

Assim, vemos que compreender a conceituação do sujeito suposto saber sem a prerrogativa lógica do sujeito definido a partir da linguagem, poderia nos levar a conceber que o sujeito atribui ao analista (outro sujeito) sua definição, vertente imaginária da transferência, contra a qual Lacan teceu inúmeras críticas, além de não destacarmos a estruturação do sujeito atuante na transferência. Lembremos que Lacan (1964) destaca a transferência como uma atualização (colocação em ato) da realidade do inconsciente. Entendemos que pensar tal atualização significa, inicialmente, sublinhar que a transferência produz uma convocação do inconsciente, no que ele resguarda da sexualidade, na relação com o analista. Neste ponto, se faz necessário destacarmos o fenômeno do amor, tão comum na neurose de transferência, presente na elucidação da sexualidade constitutiva do fenômeno da transferência, já que os afetos dirigidos ao analista – e ao saber – remetem ao amor. Para tanto, trabalharemos a partir da formulação de que o amor de transferência questiona a estrutura de todo e qualquer amor (Freud 1980/1915a).

1.2 Sobre o amor de transferência.

Em *A dinâmica da transferência* (1980/1912b), Freud situa esta última como *necessariamente* ocasionada no tratamento analítico. O modo de situá-la, inicialmente, é pela repetição da estória erótica inconsciente do sujeito, que consiste na reprodução de um *clichê estereotípico* inconsciente, construído a partir das experiências dos primeiros anos e da disposição inata (Idem, pp. 133). Outra forma de Freud definir a transferência é através do conceito de *idéias libidinais antecipadas* (Idem), pelas quais o sujeito se volta aos objetos, porque não houve a satisfação amorosa na realidade. *Condição para amar*, já que o complexo de Édipo consagrou a interdição ao primeiro objeto amoroso, a transferência aparece na sua manifestação de repetição dos estereótipos inconscientes, vale dizer, uma repetição significativa.

Este texto é sobretudo um texto sobre o amor, principalmente por destacar uma repetição na vida amorosa (que Freud já havia sublinhado em suas *Contribuições à psicologia do amor* (1980/1912)) pela qual o sujeito está sempre às voltas com características semelhantes dos objetos escolhidos, destacando a função da fantasia na regulação das relações entre o sujeito e seus objetos. Os seus trabalhos específicos sobre o amor (especialmente *Introdução ao narcisismo* (1980/1914) e *Contribuições à psicologia do amor* (1980/1912)), são contemporâneos aos textos sobre a técnica analítica, indicando um questionamento sobre o amor que provém da constatação do amor de transferência. Vejamos como Freud descreve as origens do amor (enamoramento), tentando estabelecer uma base conceitual para pensarmos a função do amor na transferência analítica. Para tanto, nos servimos da indicação lacaniana de que o amor evidencia uma tapeação à castração: “se há domínio em que no discurso, a tapeação tem em algum lugar chance de ter sucesso, é certamente no amor que encontramos seu modelo (Lacan 1988/1964, pp. 128).

Em *Introdução ao narcisismo* (1980/1914), uma das vias traçadas por Freud para o estudo do narcisismo e sua importância no desenvolvimento da libido é o da via amorosa e dos motivos do investimento amoroso entre os sexos. A relação objetal estabelecida aí exigia uma conceituação que abrangesse o narcisismo e ainda uma aparente superação deste.

O estado do enamoramento nos aparece como a fase superior do desenvolvimento que alcança [a libido de objeto]; o que concebemos como uma

resignação da personalidade própria em favor do investimento de objeto (*Idem*, pp. 74, grifo nosso).

Vemos o enamoramento figurar como um indício de desenvolvimento da libido de objeto, um ponto de chegada do desenvolvimento psíquico. Na relação com o objeto, o eu empreende uma manobra, que possibilita uma ilusão de encontro. Paradoxalmente a castração é anunciada (pelo movimento na direção do objeto) e velada (pela demanda de complementação).

A realidade (ou a castração) golpeia duramente o narcisismo, nos mostrando que, em contrapartida, é dele que se trata no enamoramento, numa busca de recuperação da totalização e imortalidade imaginária do eu. Amar, para Freud, é realizar uma troca, visando uma sutura irrealizável da ferida do narcisismo, frente à castração. Esta “troca” fornecerá os métodos de escolha do objeto, visando uma satisfação narcísica.

Lacan também aponta esta formação do amor a partir do narcisismo, ressaltando ainda a função do amor na economia do desejo: “é isto que será para nós o mais enriquecedor, no que concerne ao que devemos conceber da função do amor – a saber, de sua estrutura fundamentalmente narcísica (Lacan 1988/1964, pp.176).

É pela satisfação narcísica que o sujeito empreende esta "troca" como nos diz Freud, numa busca de velar o que golpeia o narcisismo. Ser amado representa deste modo, uma tentativa de mediação entre o narcisismo e a castração, já que por se ver amável aos olhos do Outro, o sujeito também pode se esquivar daquilo que lhe falta. É essa a imagem que Freud nos dá do enamoramento: "O que ama sacrificou, por assim dizer, um fragmento de seu narcisismo e só pode restituí-lo mediante a troca de ser amado" (1980/1914, pp. 75).

Em 1964, discutindo a proximidade epistemológica dos conceitos fundamentais da psicanálise – inconsciente, repetição, transferência e pulsão – Lacan afirma que a transferência representa o fechamento do inconsciente, remetendo o funcionamento do inconsciente ao de uma borda que abre e fecha. Para nós, esta reformulação do conceito de transferência encontra eco na conceituação freudiana do amor como uma tentativa de recobrir a falta constitutiva. Acompanhando Lacan atribuímos o amor de transferência como fundamento da própria transferência. Deste modo, o amor de que se trata na transferência tem de ser concebido a partir de uma tentativa de relativização da falta, numa formação sintomática em relação à castração. Assim, “O amar em si, como ânsia e privação, rebaixa a auto-estima, enquanto que ser amado, ter um objeto de amor, possuir o objeto amado, volta a elevá-la” (Freud 1980/1914, pp. 77).

Outro modo de articular esta importância do amor no conceito de transferência, como entendemos, é discutir se o amor de transferência é de fato amor (ou amor experimental) como o faz Freud, em seus artigos técnicos sobre a mesma, o que coloca em cena a própria genuinidade do amor. Freud responde a isso, salientando que todo amor é reedição de antigas características, protótipos infantis. E é deste infantil que ele traz a tonalidade da compulsão, paixão, sendo o amor de transferência aquele que mais exhibe este lado infantil, presente em todo amor. Sendo assim, o amor de transferência é tão genuíno quanto qualquer outro amor, que guarda em si, não obstante, sua estrutura de engano.

Podemos enveredar um pouco mais pela definição de que a transferência é um fechamento do inconsciente situando sua estrutura de tapeação a partir do seu núcleo de amor: A transferência, como todo amor, opera uma "troca", pela qual o sujeito se vê amável e amado pelo Outro, distanciado de sua própria castração. Nossa referência ao texto freudiano *Introdução ao narcisismo* encontra-se ainda afinada com a análise lacaniana efetivada em *O seminário, livro 8 : a transferência* (1992), que destaca a metáfora do amor existente na transferência, pela qual a visada narcísica se impõe na

situação analítica. O termo escolhido por Lacan para caracterizar a transferência – metáfora – indica a troca constitutiva operante nesta formação do inconsciente.

Nesse sentido, Lacan é bastante explícito, quando nos diz que na análise o sujeito se empenha em "enganar" o Outro. Assim, "ao persuadir o Outro de que ele tem o que nos pode completar, nós nos garantimos de poder continuar a desconhecer precisamente aquilo que nos falta" (1992/1960-61, pp. 128). Podemos entender que o amor é um efeito desta tapeação em torno da castração, o que vai se apresentar em ato na transferência.

Se é do inconsciente que se trata na estruturação da transferência, ainda que ela exiba seu fechamento, podemos vislumbrar esta tapeação a partir da linguagem. Assim, sempre que algo é enunciado, evidencia-se a possibilidade da verdade e da mentira. Lacan ressalta que a dimensão da verdade não exclui a mentira, pois a verdade é suscitada pela mentira, através da palavra (1998/1964, pp. 127). A verdade se instaura a partir da mentira fundamental, sendo que a referência ao significante, em sua ambigüidade constitutiva, responde por esta impossibilidade de uma significação última, e de uma mentira subjacente. Um primeiro momento do estabelecimento desta dialética, mítico, faz referência à "mentira verídica", que assim se presentifica na constituição do sujeito a partir do Outro quando, pela alienação, o sujeito identificou-se aos significantes primordiais do Outro. Retomando nossa discussão acerca do sujeito suposto saber, após ter discutido o amor de transferência, destacamos que basear a transferência no sujeito suposto saber revela um desdobramento da concepção do sujeito definido pela articulação significante. Logo no início de *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan chama nossa atenção ao falar que tudo o que anunciará se baseia nessa acepção geral, que é deste modo, ampliada para dar conta do real da experiência analítica (1988/1964, pp. 25).

A formulação de uma disparidade subjetiva, que se destaca em *O seminário, livro 8 : a transferência* (1992/1960-61), e toda a sua argumentação acerca da metáfora do amor produzida pela transferência, já demarcam um terreno distinto da relação intersubjetiva. Definir a transferência, ocorrendo a partir da suposição de saber, destaca ainda mais a concepção de um sujeito a partir da linguagem, definido no intervalo significante. Essa retomada radicaliza o sujeito definido por um significante, com a proposição de uma *suposição*. Não é o sujeito que supõe, por ser suposto por um significante, que assim o representa (ou não) para outro significante (1988/1964, pp. 123).

Vimos que o conceito "sujeito suposto saber" representa, inicialmente, uma releitura da subversão do sujeito à linguagem. Por que então Lacan retoma esta dependência a partir de uma suposição? Se o sujeito não é outro a quem é conferido um saber, por que o sentido dubitativo da fórmula "sujeito *suposto* saber"?

1.2 Suposição e saber

Embora a psicanálise consista na manutenção de uma situação combinada entre dois parceiros que nela se colocam como o psicanalisante e o psicanalista, ela só pode desenvolver-se ao preço do constituinte ternário que é o significante introduzido no discurso que se instaura, aquele que tem nome, esta uma formação não de artifício, mas de inspiração como destacada do psicanalisante (Lacan, 2003, pp. 254).

Como entendemos, o sujeito não pode supor nada, sendo ele próprio determinado (suposto) pelo significante, como acabamos de demonstrar. Isso implica que consideremos que é ele mesmo (o sujeito) o que está suposto. Por outro lado, podemos também considerar uma suposição em relação ao saber, já que a formulação

do conceito de sujeito suposto saber está articulada ao conceito de real, limite irreduzível da simbolização, e portanto, de saber.

Porge (1996, pp. 554) nos esclarece que a fórmula gramatical "sujeito suposto saber" é interpretada por Lacan em vários sentidos possíveis, desde seu estabelecimento, em 1964. O verbo saber, que aí figura, retomando o cogito cartesiano, pode ser entendido no sentido transitivo (que implica num sujeito ativo e num complemento objetual) ou num sentido intransitivo (que não aceita um complemento objetual). Assim, no primeiro sentido, teríamos um sujeito suposto saber *alguma coisa*, recaindo a ênfase nisto que é possível saber (algum saber que pode ser construído em análise): "Sabemos também que existe um nome para designar essa assimilação do sujeito à cadeia: o sujeito suposto saber" (Lacan 1979, inédito).²

O antecedente lógico da fórmula "sujeito suposto saber", como vimos, é o conceito de inconsciente freudiano, relido a partir da submissão do sujeito à linguagem e tomado aqui como o fundamento da relação transferencial. Deste modo, entendemos que a fórmula pode ser interpretada numa abordagem que situa a suposição tanto do lado do sujeito, quanto do lado do saber que está em jogo numa psicanálise.

Desta maneira também podemos viabilizar uma leitura da definição prévia de transferência, que Lacan traça também nesse seminário, a partir do sujeito suposto saber: A transferência como atualização (colocação em ato) da *realidade* do inconsciente. Nesse sentido, essa *realidade* em causa na transferência, essencialmente ambígua, também se encontra, pela definição, questionada em sua proximidade com a repetição, que mostra mais claramente um real que não engana. Cottet (1989) a esse respeito esclarece que a transferência, como algo relativo à interpretação, "não é um fenômeno que a categoria do real permita abordar" (Cottet 1989, pp. 169).

No que diz respeito à forma como Freud avança, na articulação dos impasses da transferência, a análise do homem dos ratos lança alguma luz. O enfoque no campo do Édipo para a condução da neurose de transferência é claramente superada por Lacan, especialmente a partir de sua indicação precisa do pulsional irreduzível que ela conserva, em seu modo de gozo. No entanto, o próprio Freud aponta o caminho ao demandar o novo necessário constituinte da transferência. Ressalta ele que a fantasia de transferência do homem dos ratos desvelou uma "escola de sofrimento" (1977/1909, pp. 62) pela qual o paciente vivencia como algo real e novo (atual) sua estória edípica, a partir da relação transferencial estabelecida com o analista. Para além da compreensão de um "passado que retorna" (Lacan 1992/1960-61) o que se mostra aqui é uma noção de tempo que promove uma torção na cronologia: "A presença do passado, pois, tal é a realidade da transferência" (*Idem* pp. 175).

O passado, nesse sentido, só é pensado, a partir do presente da transferência. É pela atualização, no aqui e agora da transferência, que o sujeito pode vivenciar o que lhe determina, produzindo novas possibilidades de se relacionar com o Outro e com seu próprio modo de gozo. É nesse sentido que compreendemos também o que Freud pretende marcar, quando argumenta que todo o conflito do sujeito tem de ser experimentado na relação transferencial, produzindo uma neurose de transferência, única possibilidade de tratamento (Freud 1980/1915a, pp. 139).

Nesse sentido, Freud determina que o manejo da transferência produz a centralização do conflito inconsciente na "neurose de transferência", onde a repetição encontrará seu "playground"³ (Freud 1980/1914, pp. 201). É interessante a terminologia adotada pela tradução do termo em alemão, pois invoca um brincar na repetição (lembramos que a observação do brincar foi um dos motores para que Freud postulasse uma repetição que atravessa os limites do sentido e inaugura o registro de um além do princípio do prazer, em sua obra).

A liberdade de expressão que a transferência concede à repetição, para nós, destaca esse real da repetição, pelo qual um encontro falhado se presentifica, entre o sujeito e o analista. O véu da repetição significativa (motivos inconsciente para a escolha de determinado analista e não outro) apresenta este encontro sempre faltoso, essa não-realização.

Resumamos então nossas articulações já desenvolvidas: não é o analista o sujeito de quem se trata na formulação "sujeito suposto saber", mas um lugar a que se supõe um saber. Por outro lado, a suposição que trata a fórmula pode ser aplicada também ao saber, pois se questiona deste modo a estrutura e viabilidade deste saber a ser construído. Deste modo, podemos indagar: quais os limites do saber que se constrói numa análise?

1.4 O saber construído na análise.

As articulações freudianas de *Construções em análise* (1980/1937) destacam a preocupação do autor com o saber que se constrói (pelo paciente e pelo analista) numa psicanálise. Vemos então que ali se destacam ainda mais os limites éticos do analista e sua função. Freud, inicialmente, se interessa por demonstrar como o paciente recebe uma interpretação, em que pese a crítica costumeira dos opositores da psicanálise, de que o analista tem sempre razão.

A proposição de Freud sobre o fazer do analista se define pela *construção*. O analista tem um trabalho de construção, a partir do material que ficou como rastro após o recalçado. Neste caso, ele opera no vivo, fazendo ressoar sua concepção de que nada pode ser modificado senão no aqui e agora da experiência analítica (1980/1912b, pp. 143). A presença do analista confere à transferência uma atualidade, para além do passado esquecido. Todavia, estas construções estão inscritas na dúvida, pois a origem inconsciente do recalçado imprime uma ambigüidade muito particular a este "material".

O conceito de construção, como tarefa do analista, se situa na dependência lógica da associação livre do paciente. É a um saber inconsciente do analisante que Freud refere então a construção do analista, que também conta com a interpretação para o deciframento do recalçado. Cottet (1989) defende que Freud faz prevalecer a construção sobre a interpretação neste artigo, demarcando uma segunda época da técnica analítica, pela qual o trauma psíquico inaugural já não é mais pensado como algo que pode ser "recuperado" pela recordação, exigindo uma construção. A construção seria desse modo uma resposta significativa a esse impossível de lembrar, pois "a origem é sempre mítica, fictícia e, como tal, jamais dada" (*Idem* pp. 89).

A ênfase que Freud atribui à construção se deve ao limite que a interpretação destacou, por incidir sobre fragmentos, enquanto pela construção toda uma estória significativa pode ser contada.

Freud introduz ainda outra questão, enquanto analisa o alcance da construção que o analista efetua: nem sempre o analisante produz em resposta à construção, uma lembrança ou associação confirmativa ao conteúdo expresso. Muitas vezes, por outro lado, desenvolve uma convicção a partir da construção, que passa a ter o mesmo efeito de uma lembrança. A partida dos significantes, em sua ambigüidade, a partir do Outro da linguagem aqui é situada, pois não há qualquer garantia do valor das construções, que não aquele de *uma convicção* surgida na dinâmica do tratamento. Podemos vislumbrar o caráter de ato que a palavra comporta.

Freud encerra o artigo definindo as construções dos analistas como tentativas de explicação e restauração, estabelecendo entre estas e os delírios dos psicóticos uma analogia. De fato, nessa analogia, entendemos que o fator decisivo encontra-se na precariedade da interpretação, ao seu alcance limitado ao real em causa, já entrevisto e

demarcado por Freud. O seminário, livro 5 *As formações do inconsciente* (1999/1957-58) a decifração significativa do inconsciente é ressaltada como o caminho da análise, determinada por uma prevalência do simbólico no ensino de Lacan. Ali, Lacan comenta a importância de *Construções em análise*: “[Este artigo] mostra a importância central da idéia da relação do sujeito com o significante para conceber o mecanismo da rememoração na análise” (pp.244, grifo nosso).

Tendo destacado que a formulação "sujeito suposto saber" pode ser pensada tanto em relação ao sujeito quanto em relação ao saber (embora a suposição que se endereça ao saber seja secundária e menos fundamental, por apenas situar de que saber se trata, quando falamos de saber inconsciente) podemos nos questionar ainda acerca das relações do sujeito suposto saber com o desejo do analista. Esforço maior que nos ocupará em outro momento.

Notas

1. Doutora e mestra em Psicologia pela UFRJ, especialista em psicologia clínico-institucional pela UERJ, professora e supervisora clínica da Faculdade de Psicologia da UCP e membro correspondente da Escola Brasileira de psicanálise, seção Rio.
2. Tradução livre do espanhol: "Sabemos también que existe un nombre para designar esa asimilación del sujeto a la cadena: el sujeto supuesto saber", inédito em Português. Lição 10 de 15 de maio de 1979. Aulas do seminário La topología y El tiempo. Traducción de Pablo G. Kaina. Versión completa de la Escuela Freudiana de Buenos Aires.
3. Na tradução da *Amorrotu*, vemos figurar: "le abrimos la transferencia como la palestra donde tiene permitido desplegarse con una libertad casi total" (Freud, (1980/1914). Entendemos que a tradução da editora Imago encontra-se mais próxima do sentido proposto por Freud. No original, figura o termo *tummelplatz*, que quer dizer campo de jogos, numa clara referência ao brincar e à ação, que a transferência oferta à repetição (Freud, 1999/1914, p. 134). Já a tradução "palestra" indica um lugar público de diversão, como uma arena, onde se celebram exercícios literários.

Referências Bibliográficas

- BESSET, V. (Org.) (2002). *Angústia*. São Paulo: Escuta.
- COTTET, S. (1989) *Freud e o desejo do psicanalista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- FREUD, S. (1977/1909) *Notas sobre um caso de neurose obsessiva – O homem dos ratos*. Pequena coleção das obras de Freud. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1999) *Gesammelte Werke*. Frankfurt am Main: Fischer.
- _____. (1980) *Obras completas*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1980/1912a) *Contribuições à psicologia do amor*. Id. Vol. XI. 1980, p. 163-178.
- _____. (1980/1912b) *A dinâmica da transferência*. Id. Vol. XII. 1980, p. 131-146.
- _____. (1980/1913) *Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I)*. Id. Vol. XII. 1980, p. 163-187.
- _____. (1980/1914) *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Id. Vol. XIV. 1980, p. 89-122.
- _____. (1980/1915a) *Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)* Id. Vol. XII, p. 207-221.
- _____. (1980/1915b) *O inconsciente*. Id. Vol. XIV, p. 191-252.
- _____. (1980/1917) *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Id. Vol. XV e XVI, p. 21-288 e 289-557.

- _____. (1980/1937) *Construções em análise*. Id. Vol. XXIII, p.247-290.
- LACAN, Jacques. (1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (2003) *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1966-1967/2000) *Seminário 14, La lógica del fantasma*. Versión de la Escuela Freudiana de Buenos Aires: Edição eletrônica das obras completas de J. Lacan.
- _____. (1993) *O Seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud, (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- _____. (1999) *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente, 1957-1958*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1992) *O seminário. Livro 8. A transferência, 1960-1961*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.
- _____. (1988) *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos da psicanálise, 1964*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar editor.
- MILLER, J. (1995) “Contexto e conceitos”. In: FELDSTEIN, R.; FINK, B.; JAANUS, M. (orgs.). *Para ler o seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, p. 15-28.
- _____. (1987) *Percurso de Lacan, uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- PISETTA, M.A.A.M. (2008) *Metáfora e real no amor: os destinos do amor na clínica psicanalítica*. In Revista Diversa, ano I, n. 2, jul-dez 2008 – <http://www.ufpi.br> (acesso em 26/12/2010).
- PORGE, É. (1993) “Transferência”. In: KAUFMANN, P. (Org.). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise. O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, p. 548-556.